

## Os atores da farsa indígena

João Malato

O Superior Tribunal de Justiça, por decisão unânime, considerou juridicamente certa e procedente, a resolução do juiz federal no Pará, dr. Iran Velasco Nascimento, quando não permitiu que o índio aculturado Kube-i Kaiapó, comparecesse a uma audiência daquele juízo - em que estava sendo processado o aventureiro americano Darrel Posey, em trajes indígenas quando já era do pleno conhecimento das autoridades e do público em geral, que o referido indivíduo está perfeitamente integrado à civilização moderna, sendo até funcionário federal, com residência fixa em Belém, onde se exhibe, continuamente, com roupas de alto preço, calçado pela última moda e portando relógio-pulseira de marca reputada.

O relator do caso, ministro Milton Pereira, disse expressamente que o juiz Iran Velasco defendeu o respeito que se deve à Justiça, ao recusar ingresso, na citada audiência, de um comprovado farsante que é dado a frequentar congressos internacionais, sem nunca ter usado as tangas e os cocáes da sua sub-raça. Concluindo, o relator, elogiou o juiz federal no Pará, por não ter se submetido à farsa e ao abuso tentado pelo impostor.

O episódio serviu para confirmar as recentes asserções feitas pelo ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, que em entrevista coletiva, afirmou que, no Brasil, existem apenas 30 mil índios em estado meio-selvagem, não passando os demais de notórios farsantes, que se esmeram no uso de roupas modernas e manejam aparelhos "Panasonic", e se revelam ótimos atores, tática de que se valem para passar por "vítimas", quando as vítimas são os contribuintes que os sustentam e os suportam. O general Leônidas aludiu à campanha difamatória que o cacique Raoni acaba de fazer, pela Europa, em companhia do aventureiro inglês Sting, objetivando vantagens financeiras, e em que se patenteia a sua inegável vocação para ator, ou comediante, que sabe desempenhar o seu papel. A propósito, o ministro do Exército fez uma comparação entre os índios brasileiros e os seus congêneres americanos, revelando que, enquanto os "lanques" dispõem apenas de 20 hectares de terras para cultivar e explorar, por indivíduo, os caboclos brasileiros ocupam áreas desproporcionadas, o que dá, para cada índio, um latifúndio de 400 hectares, que depredam, com a venda de madeira a preços irrisórios.

As encenações teatrais da indiada brasileira, têm como um dos palcos mais expressivos a famosa Ilha do Bananal, formada por uma imensa bifurcação do rio Araguaia, e que é muito procurada pelos turistas, não só pela sua riqueza ictiológica, como pelos 90 remanescentes de índios que lá vivem, já aculturados, vivendo dos negócios da pesca e trabalhando em qualquer mister, que lhes renda dinheiro, pelo qual são ávidos. Basta anunciar-se a próxima chegada de uma caravana de turistas, ao Bananal, para que, imediatamente, toda a indiada corra para os seus abarracamentos, a fim de trocar as suas roupas de civilizados, pelas tangas, cocáes e ornatos indígenas, de que, cada um está bem apetrechado e guardado em baús, à prova de ratos e cupins. E pintam-se todos, na base do urucu, do genipapo e da tizna de panelas.

E mal a caravana de paulistas e mineiros desembarca, lá está a indiada representando a sua comédia étnica, a dançar os seus bailados grotescos, a regougar como animais da mata, os homens semivestidos com uma simples tanga, e as mulheres inteiramente nuas, como para despertar a concupiscência dos brancos.

Tão logo os visitantes se afastam da localidade, os pseudos índios correm, depressa, mais do que depressa, no rumo de suas habitações, para se livrarem dos disfarces e das tinturas que os recobrem, envergando, a seguir, as suas roupas de civilizados, quando, então, passam a conferir os dinheiros que abiscoitaram dos turistas, que regressam às suas cidades convencidos de que, afinal, haviam entrado em contato com os verdadeiros tamóios do Brasil, alguns dos quais lhes infundiram um verdadeiro pavor, pelas suas carrancas monstruosas e pelos seus uivos animalescos.

Um circo, com as suas palhaçadas e as suas exposições caricatas, não ganharia desse grupelho de falsos índios, que em matéria de representatividade cênica, estão áptos a brilhar em qualquer novela, dessas que as televisões nos impingem, todas as noites.

XXX

Não sei o que houve com a minha coluna de terça-feira que, se não está ilegível, saiu, pelo menos, incompreensível. A palavra-chave do primeiro período, que era "hostilidade", foi transformada em "hospitalidade". Mais adiante, onde escrevi "propriedade", registraram "prioridade", o que não é a mesma coisa. Também grafaram "palnice" em lugar de "Planície". E assim por diante.

XXX